

Escola pública quer melhorar imagem

ANA LUZIA SILVEIRA
Da Editoria de Cidade

Ainda este mês a Secretaria de Educação deve lançar uma campanha que visa a resgatar a imagem da escola pública, apesar de muitas merecerem mais do que cartazes explicando à comunidade que as instalações devem ser preservadas. É que a maioria, principalmente as localizadas em determinados pontos críticos, como a Ceilândia por exemplo, revela até um certo estado de abandono, com alunos, professores e funcionários convivendo com forros soltos, banheiros quebrados, pouca iluminação, goteiras e até pequenas enchentes dentro dos colégios, já que a época é de chuva.

A solução para estes problemas não se encontra apenas na campanha anunciada pela Secretaria, mas em recursos financeiros para obras de melhoria. Para isso, o secretário Fábio Bruno afirma que são necessários recursos suplementares a serem liberados pelo MEC em janeiro. De quanto será essa verba ele ainda não sabe. Mas garante que se o dinheiro não for suficiente, até maio o GDF deverá pedir empréstimo à Caixa Econômica Federal no valor de Cz\$ 1 bilhão para as refor-

mas e construção de novas salas, a fim de que seja extinto do calendário da rede oficial de ensino o horário intermediário, ou o chamado "turno da fome".

O secretário diz que quando assumiu a direção da Fundação Educacional havia mais de mil turmas estudando em horário intermediário. Hoje, segundo declarou, os números estão bem mais reduzidos. São 368 turmas.

ESCOLAS DE LATA

"Este ano a nossa meta era a construção de 200 novas salas de aula, mas só conseguimos atingir a metade", afirma, acrescentando que com a verba de Cz\$ 157 milhões foi possível ainda iniciar as obras de 70 salas em substituição às de lata. "E no começo do próximo ano letivo elas já estarão funcionando", ressaltou Bruno.

Apesar de admitir que muitas escolas estão em condições precárias, o secretário da Educação afirma que nenhuma apresenta risco de desabar. "O nosso Departamento de Engenharia garantiu que não existem colégios oferecendo perigo". Lembra que muitas estão danificadas não só pela ação do tempo mas também pela depredação dos próprios alunos. "Dai a importância de que haja uma

campanha de conscientização junto à comunidade".

Em contrapartida, Fábio Bruno cita alguns exemplos de colégios que revelam excelente estado de conservação. "É o caso dos Jardins de Infância 308 Sul e 305 Sul, as Escolas-Parques e até mesmo na Ceilândia, onde todos os Centros de Ensino contam com auditórios".

Para Bruno o maior problema não se encontra nas instalações físicas das escolas, "mas na qualidade do ensino e melhorá-lo é a nossa meta". E que segundo o secretário, essa é uma questão que só depende do professor, enquanto que a outra fica na dependência de verbas a serem liberadas pelo Ministério da Educação, "pois os nossos recursos são gastos, em sua maioria, no pagamento de pessoal".

Fábio Bruno diz que não se justifica o fato de este ano as escolas particulares terem alcançado um índice de 17,7% em novas matrículas e a rede oficial ter estacionado, chegando até a perder alunos a partir da 5ª série. Essa é uma realidade que, a seu ver, tem que mudar. "Já que os nossos professores recebem melhores salários, têm estabilidade no emprego e outras vantagens".